



## medidas e análise da mortalidade: novas abordagens\*

VALLIN, Jacques et al. 1988. *Medidas e análise da mortalidade: novas abordagens*. Paris, PUF.

Carlos Eugênio de C. Ferreira\*

Este livro é mais um fruto da ativa comissão da União Internacional de Estudos de População (UIESP) que estuda as mudanças comparadas da mortalidade, atualmente em sua terceira gestão, e presidida por Stan D'Souza.

Esta comissão tem dado ênfase aos estudos sobre causas de morte e morbidade em regiões onde ainda prevalecem as crises de sobremortalidade. As reflexões iniciais apontaram para a necessidade de uma retomada das discussões sobre aspectos metodológicos, incorporando novos temas emergentes. Dentro desta perspectiva foi realizado um seminário em Sienna, em 1986, e os trabalhos discutidos deram corpo à presente publicação. Foram selecionados 21 trabalhos que discutem aspectos específicos do estado atual do debate metodológico, os quais foram reunidos em três grandes partes:

- Parte 1: *Abordagem clássica e novas vias possíveis de coleta de dados sobre mortalidade;*
- Parte 2: *Modelos e técnicas de análise aplicadas à mortalidade;*
- Parte 3: *Abordagem das diferenças e causas.*

Na primeira parte, retoma-se a discussão sobre a observação demográfica em países que não dispõem de boas estatísticas. Os três primeiros trabalhos reanalisam as técnicas clássicas de observação, seja através de sistemas contínuos de registro, seja através de pesquisas por passagens repetidas, ou através de uma pesquisa de histórias de nascimentos. São discutidas as

---

\* Demógrafo da Fundação SEADE

experiências do “laboratório de população” de MATLAB (Bangladesh), as pesquisas IFORD na África de língua francesa, e reavaliadas a pesquisa mundial da fecundidade e a pesquisa demográfica sanitária da Westinghouse, no campo da mensuração da mortalidade infanto-juvenil.

No bojo desta discussão, a questão da utilização de métodos indiretos *versus* métodos diretos adquire uma nova dimensão com a superação da falsa contradição e a abertura de novas perspectivas de observação. Além disso, a cooperação necessária entre diversas disciplinas torna-se mais presente como forma de enriquecimento da problemática geral. Um dos trabalhos, por exemplo, propõe uma maior utilização, no campo demográfico, de métodos tradicionalmente utilizados pela epidemiologia, tal como o dos estudos de caso-controle, que permite uma maior diversificação de hipóteses de trabalho com redução significativa dos custos operacionais.

Retoma-se também a questão da contribuição da antropologia na construção das hipóteses explicativas dos estudos demográficos. Os procedimentos de micro-observação antropológica, ao situarem os eventos vitais dentro do contexto social dos indivíduos e de sua racionalidade particular, podem recuperar elementos que em geral se perdem nas pesquisas de grande escala.

Ainda nesta parte, situa-se a problemática das pesquisas de causas de morte em regiões que ainda não desenvolveram um sistema satisfatório de classificação das causas com base em atestados médicos. Discutem-se algumas experiências alternativas de pesquisas de morbidade e causas de morte, elaboradas por não-médicos, com base em depoimentos familiares. São resultados promissores, que poderiam ser utilizados também como controle em áreas que estão aperfeiçoando o sistema tradicional.

A segunda parte reúne os trabalhos sobre modelos e técnicas aplicadas à análise demográfica, inclusive com a exploração de novas fontes de dados, tais como os arquivos hospitalares e as consultas pré-natais. As tábuas-modelo de mortalidade voltam à discussão em dois trabalhos específicos que dão continuidade à rápida expansão da rede de modelos que teve origem na proposta das Nações Unidas de 1956, passou pelas tábuas de Coale e Demeny (1966), Lederman (1969), OCDE (1980), e, mais recentemente, pelas novas tábuas das Nações Unidas (1982). O primeiro trabalho apresenta um novo conjunto de tábuas-modelo que leva em conta as estruturas da mortalidade por causas. O modelo proposto permite oferecer, às regiões que não dispõem de estatísticas completas de mortalidade, a possibilidade de se estimar indiretamente a estrutura de mortalidade por idade e causa. Trata-se de uma idéia antiga, porém, até então, nunca viabilizada em termos operacionais.

O segundo trabalho investiga, entre os modelos de mortalidade conhecidos, aquele mais apropriado às estimativas indiretas na África Oriental.

Cabe destacar também uma reflexão metodológica sobre a natureza e impacto das crises atuais na mortalidade, associada aos problemas de mensuração, das relações com outras



variáveis demográficas e de uma possível tipologia das crises no mundo contemporâneo.

Além disso, os três últimos trabalhos recuperam antigas questões metodológicas – mais frequentes nos países que dispõem de boas estatísticas – que dizem respeito aos efeitos de geração nas diferenças de mortalidade e sua evolução, à identificação de uma tipologia de países segundo o perfil por causas de morte e, finalmente, à aplicação de um modelo de avaliação do impacto das transformações nas causas de morte sobre a esperança de vida em algumas comparações internacionais.

A terceira e última parte concentra-se na problemática da análise da mortalidade por causas e na questão da avaliação das diferenças de mortalidade. Inicialmente são abordadas duas questões de maior importância e muito oportunas em nossa realidade: o problema da construção de séries históricas de evolução das causas de morte dentro de uma perspectiva de análise da mortalidade por causas múltiplas.

No primeiro trabalho dessa parte, retoma-se a antiga proposta de Vallin, apresentada em Dakar (1981), sobre a reclassificação dos óbitos segundo os critérios etiológico e anatômico, e discutem-se as experiências acumuladas com as aplicações para a França no período de 1925-1978. Os problemas encontrados e procedimentos adotados são expostos em três níveis: o problema introduzido pelas revisões de nomenclaturas, a reconstituição de séries completas com base na oitava revisão da Classificação Internacional de Doenças e a desagregação do grupo de causas de morte mal definidas. Sobre este último item apresenta-se anexada uma proposta, muito operacional, de classificação mais detalhada das causas mal definidas.

Em seguida uma antiga polêmica relacionada com a definição de causa básica ou causa principal de morte é discutida com vistas a uma abordagem multicausal. Trata-se de uma idéia presente há mais de um século que se vem concretizando com a adoção de procedimentos mais automatizados de classificação das causas. Na abordagem multicausal, todas as causas associadas a morte, registradas em atestados, são processadas e recuperadas nas tabulações de saída.

Desta forma, se alcança uma melhor compreensão do processo causal e abrem-se novas perspectivas para o estudo empírico das associações de causas de morte. Esta metodologia já se encontra em operação nos Estados Unidos e, mais recentemente, no Estado de São Paulo, constituindo-se na primeira experiência da América Latina.

A evolução dos estudos sobre causas de morte nesse continente, entretanto, esbarra nos problemas de representatividade das informações, conforme demonstra o balanço sobre esta problemática, presente em um dos trabalhos, onde se elabora um quadro do que foi feito e do que poderia ser feito na América Latina, no campo mencionado.

Ao final, os dois últimos trabalhos abordam a questão das diferenças de mortalidade, sob duas óticas distintas e inovadoras enquanto método. Primeiramente, a análise de diferenciais de mortalidade a partir de uma pesquisa que levantou a história das carreiras profissionais de homens com idade de 45 a 60 anos nos Estados Unidos. Por último, a questão é abordada

sob um outro ângulo, o da avaliação da prevalência de doenças a partir de dados sobre óbitos por causas, com a aplicação de um modelo dinâmico que utiliza hipóteses sobre as relações existentes entre morbidade e mortalidade. Trata-se de mais um valioso recurso de avaliação da morbidade, um fenômeno de difícil observação, a partir das informações sobre mortalidade.